

A escrita da intolerância num século que mal começou

Carlos Alberto de Souza e
José Isaias Venera
(editores)

O século mal começou, e a intolerância marca no papel mais um período conflituoso da humanidade - racional, científica -, que se atola no sangue do mais fraco e joga por terra as esperanças de progresso e felicidade. World Trader Center, Afeganistão, Iraque e o 'interminável' conflito entre palestinos e israelenses pintam, diariamente, a tela da televisão e as capas de jornais e revistas, com cenas de horror e medo. O sangue derramado suscita ainda mais o ódio, o terrorismo e a morte. Os três primeiros anos do século XXI foram suficientes para mostrar que ele não será diferente do anterior, marcado por duas grandes guerras.

O novo século vem se desenhando recheado por conflitos, práticas intolerantes, desrespeito, incompreensão. Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 desencadearam a guerra no Afeganistão e, posteriormente, no Iraque, um conflito que não terminou. A ocupação do território iraquiano motivou a resistência e causou a morte de mais civis e soldados depois que a guerra

'acabou', em 9 de abril de 2003 (derrubada da estátua de Saddam Hussein). Os observadores sociais até justificam esse começo tempestuoso, alegando que o início de cada novo período é sempre conturbado. Ao menos aos seus olhos, ressaltam, do passado, acontecimentos que cicatrizaram a escrita de uma história que se perpetua.

O confronto entre judeus e muçumanos, na faixa de Gaza, tem a marca de séculos e hoje, tanto quanto ontem, palestinos e israelenses continuam sucumbindo nos campos de batalha, em uma briga desigual. E, a cada dia, novos atentados terroristas. Em 11 de março passado foi na Espanha. Nesse mesmo ano, terroristas fizeram centenas de reféns em uma escola Russa, na cidade de Beslan. Trezentas pessoas foram mortas depois que a polícia invadira o prédio. Mas é o holocausto (seis milhões de judeus mortos), certamente, o fato mais terrível do passado, como também foram as bombas (Brüseke, 2001) lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, responsáveis pela

morte de 200 mil japoneses. Depois da Segunda Guerra, líderes mundiais juraram não fazer mais guerra, mas a promessa não durou muito.

Enfraquecimento dos estados nacionais, globalização e internacionalização econômica, aumento da diferença entre subdesenvolvidos e desenvolvidos, pobres e ricos, esse é o ambiente propício para a desavença, que gera no Eu, no mundo, sentimentos de incerteza, como observa Bauman (1999). Ninguém mais está seguro a respeito de nada. E, nesse contexto, proliferam a criminalidade, o terrorismo, o massacre, e tudo se desestabiliza em ritmo vertiginoso.

A intolerância é explícita e sua explicitação ao mundo conta com o 'incentivo' dos meios de comunicação, principalmente da televisão. E a mídia ocidental também é intolerante. O outro tem poucos direitos e é analisado do ponto de vista de nossa cultura. Durante os atentados às torres gêmeas, a TV estimulou os americanos, no sentido amplo da palavra, a ir para a guerra e taxou o muçumano de inimigo, afegãos e iraquianos de terroristas.

Bourdieu (1997) chama a atenção para a força das palavras, dizendo que elas podem causar grande estrago na vida das pessoas e dos povos. No conflito entre israelenses e palestinos, a mídia ocidental se posta a favor dos primeiros. A mídia discrimina, provoca, atíça, "espetaculariza" (DEBORD, 1997; CANZENEUVE, 1979) a desgraça humana e banaliza o horror. Ela, por meio de seus vários veículos, controla, potencializa ou

censura a informação. Desrespeita o espectador, o leitor, com um sensacionalismo que enxerga na 'morte' meio de ganhar dinheiro. E, pior, cria, a partir do horror, ídolos, para se redimir da culpa de mostrar a outra face humana. Foi isso que aconteceu na guerra do Iraque, com o menino Ali Abbas, 12 anos. Ele perdeu os pais e os dois braços e se transformou em símbolo de sofrimento. No seqüestro em Beslan (DC, 12.09.04) foi a vez Georgy Farniyev, de 10 anos.

Este número da revista vem dar visibilidade à intolerância, sobretudo a intolerância simbólica, fabricada na TV, nas redações de jornais, nas campanhas publicitárias, ou, até mesmo, na divulgação da cultura dos descendentes europeus que se auto-promovem, exaltando hábitos e valores - movimento semelhante a uma maquiagem que precisa ser retocada a cada instante para que possa existir (SEVERINO, 1999).

A intolerância emerge, nesta luta simbólica, pela expansão de um status cultural, político (estender a democracia para todos os recantos do mundo é um dos discursos do presidente reeleito dos EUA) e identitário. Em tempos de globalização econômica, a luta simbólica assume um caráter ainda mais mercadológico, atrelada a corporações e estados.

É comum, hoje, pensar o presente - marcado pelo fluxo acelerado de informações midiáticas que revoluciona a concepção de tempo e espaço - como pós-moderno, mas no entanto, no campo simbólico, talvez nunca

fomos tão modernos. Os jornais não param de denunciar bandidos, terroristas e dar visibilidade a governos não democráticos como degradantes à existência humana. A violência é o início e o fim de uma informação excessivamente objetiva. Nunca fomos tão modernos em apresentar o "melhor" com tanta objetividade. Arendt (2001) é, possivelmente, quem melhor problematiza a violência, "desnaturalizando" toda possibilidade de circunscrever este tema na própria ação que a caracteriza: "nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital, eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos".

Bauman (1999) usa a metáfora do jardineiro, que é metódico para classificar e organizar um jardim, como exemplo do impulso moderno de dar fim à ambivalência. Costuma-se falar, ao contrário, de pós-modernidade como o "culto" à diversidade ou o

tempo da perda das referências, das identidades. Mas podemos identificar a multiplicidade nos mais diferentes cotidianos, nos dispositivos culturais e, sobretudo, nas instituições que mostram uma realidade massificada (meios de comunicação) e, assim, perceber que, cada vez mais, há técnicas sofisticadas que apresentam "a verdade", cujas mensagens são produzidas de tal maneira que seu conteúdo possa ser absorvido pelo receptor com maior grau de precisão.

Poderíamos ainda ser mais enfáticos, como fez Sarlo (2000), e dizer que nos habituamos à alta velocidade da informação. Não há mais espaço para reflexão, no contexto de alta velocidade e objetividade. Fica, então, uma questão final: Como combater a intolerância nos meios de comunicação que, para atingir um maior grau de objetividade e precisão, eliminam, quase sempre, as contradições e a ambivalência dos acontecimentos?

Referências

- ARENDRT, H. *Sobre a violência*. Relume-Dumara, 2001.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1999.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRÜSEKE, F. J. *A técnica e os riscos da modernidade*. Florianópolis: UFSC, 2001.
- CAZENEUVE, J. *El hombre telespectador*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GAROTO Vira símbolo do sofrimento. In. *Diário Catarinense*, p. 36, 12 set 2004
- SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro. UFRJ, 2000.
- SEVERINO, J. R. *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Univali, 1999.